

A RETÓRICA DA ACADEMIA E OS LIMITES DA COMUNICAÇÃO

Daniela Büchler¹, Michael Biggs²

Abstract — *In areas of design practice, the paradigm of knowledge has not been clearly articulated, but some of its characteristics appear to include a valorisation of subjectivity; plurality of interpretation; objects that embody meanings; and that which cannot be expressed through language. These values run counter to traditional models of knowledge and research which, through the logic of its special language, value objectivity; singularity of interpretation; experiments that embody theoretical explanations; and concepts that can be coherently argued in words. Thus there is a problem in accounting for research in these areas in ways that will be recognised and valued by the academy. This article presents a sub-group of academic research that is specific to areas of design practice – Practice-based Research – as being problematic, and presents some current debates on the best way of dealing with some results that are considered, in academia, to be non-traditional.*

Index Terms — *pesquisa acadêmica, áreas de prática projetual, Practice-based Research, contexto Europeu.*

PESQUISA ACADÊMICA E PRÁTICA PROJETUAL

Órgãos de fomento e instituições universitárias com interesse em pesquisa acadêmica tentam definir o que seja pesquisa nas áreas projetuais, e como esta pode ser identificada e avaliada. É comum que a comunidade acadêmica adote uma definição de pesquisa tradicional, geralmente aquela que tem sua origem no modelo científico. Desta maneira, o modelo tradicional científico é o que se configura hoje como o mais dominante na área acadêmica. Entretanto, pode-se prever que um modelo científico não ofereça a melhor estrutura para se definir o que seja pesquisa nas humanidades (Gibbons et al, 1994).

O órgão de fomento britânico *Arts and Humanities Research Council* (AHRC) financia pesquisa acadêmica nas áreas das humanidades e das artes. O conselho adota uma definição de pesquisa que a considera primordialmente em termos de seus processos e não em termos de seus resultados (AHRC, 2006). Esta definição de pesquisa acadêmica foi construída em torno de três aspectos chave e qualquer pedido de auxílio deve responder aos três integralmente para que seja considerado elegível ao fomento deste órgão.

Primeiro o projeto de pesquisa deve definir uma série de questões, temas ou problemas que serão abordados ao longo da pesquisa. Deve também definir metas e objetivos que

almejem incrementar o conhecimento e a compreensão com relação às questões, temas ou problemas abordados. Segundo, a proposta de pesquisa deve especificar um contexto de pesquisa onde as questões, temas ou problemas serão abordados. O pesquisador deve especificar por que é importante que as questões, temas ou problemas sejam considerados; outros estudos ou pesquisas que estão sendo ou já forma desenvolvidos na área; e a contribuição particular que o projeto trará para o avanço da criatividade, *insight*, conhecimento e compreensão na área. Por último, a proposta de pesquisa deve especificar os métodos que serão usados para estudar e responder às questões, temas ou problemas. Deve-se declarar como, no decorrer do projeto de pesquisa, o pesquisador pretende responder as questões, temas ou problemas. Também deve explicar a razão pela escolha do método e por que considera que este oferecerá o meio mais apropriado de analisar as questões, temas e problemas da pesquisa (AHRC, 2006: 19).

Essa definição de pesquisa traz em si uma distinção entre pesquisa acadêmica e prática profissional que fica explícita se forem considerados os resultados e processos adotados nas pesquisas. Ainda de acordo com essa definição de pesquisa, resultados projetuais podem ser produzidos, ou então, pode-se exercer a prática profissional como uma etapa integral do processo de pesquisa acadêmica. O AHRC esperaria, entretanto, que esta prática profissional fosse acompanhada de alguma forma de documentação do processo de pesquisa assim como de alguma forma de análise textual ou explicação que sustentasse a posição teórica ou demonstrasse reflexão crítica. Da mesma maneira, pode ser que a prática profissional e projetual não envolva tal processo e neste caso, esta proposta de pesquisa não seria considerada elegível para o fomento do órgão financiador de pesquisa acadêmica.

Este modelo de pesquisa publicado pelo AHRC é essencialmente um *'process-model'* que possibilita a separação entre o formato da pesquisa e seu conteúdo, com o intuito de facilitar a inclusão de material não-tradicional. Essa separação é uma vantagem pois quando o método científico ou a comunicação via a tradicional tese textual são vistos como indicadores de pesquisa válida, inibe-se a exploração de outros formatos alternativos, que poderiam ser mais adequados à comunicação do conhecimento que é particular às áreas de prática projetual. Desse modo, é possível compensar o caráter geral da definição do AHRC que não considera, por exemplo, o caso das áreas onde existe uma prática projetual e onde os resultados de uma pesquisa

¹ Dr Daniela Büchler, Research Fellow, University of Hertfordshire, UK, <http://r2p.herts.ac.uk/buchler1.html>, d.m.buchler@herts.ac.uk

² Prof Michael Biggs, Professor of Aesthetics, University of Hertfordshire, UK, <http://r2p.herts.ac.uk/biggs1.html>, m.a.biggs@herts.ac.uk

muitas vezes são não-lingüísticos ou não-verbalizáveis, ou seja, não se apresentam como discurso verbal clássico.

Na tentativa de esclarecer o que seria uma pesquisa que respondesse às normas da pesquisa acadêmica dentro das áreas de prática projetual, o AHRC faz uma pergunta mais fundamental na tentativa de soar menos ‘científico’: *Qual a contribuição que seu projeto fará na direção de melhorar, aumentar ou desenvolver a criatividade, ‘insight’, conhecimento ou compreensão na sua área de estudo?* Esta pergunta é sistematicamente estudada, desmembrada e reconstruída para torná-la o mais inclusiva possível, afim de acomodar os resultados e processos inerentes às áreas de prática projetual.

Esta pergunta já foi desmembrada por Biggs e Büchler (2006) onde foi concluído que existem particularidades dentro das áreas de prática projetual que torna a questão ambígua e carente de maior reflexão para que seja uma pergunta útil. A ambigüidade da pergunta acima no tocante às áreas de prática projetual aparece, por exemplo, em relação à necessidade que determina que a pesquisa desenvolva ‘o conhecimento’ em dada área. Existe uma dimensão do requisito ‘conhecimento’ que é condicionada ao contexto e, portanto ao entendimento do que seja conhecimento relevante para e naquele contexto. Nesse sentido, por existirem diferentes definições e concepções do que seja conhecimento, existirão diversas formas de conhecimento que serão aceitos como relevantes. O problema surge quando, como apresenta-se o caso do conhecimento nas áreas de prática projetual, o conteúdo desse conhecimento específico vem também em um formato específico à área.

O conceito de ‘conhecimento’ deve, dentro da pesquisa acadêmica, ser entendido como aquilo que é transferível e comunicável e que não beneficie apenas o praticante, como pode ocorrer na prática profissional. Na prática profissional, aquele conhecimento tácito ou advindo da experiência de se projetar e que é sabido mas não comunicado, representa uma contribuição original para o profissional mas, por ser tácita, só beneficiará aquele profissional e não a comunidade como um todo (Biggs, 2004). Esse exemplo apresenta algumas das distinções e incongruências entre a definição genérica de pesquisa acadêmica e a prática projetual que servem para indicar que esta relação e a definição da primeira devem ser aprofundados.

A RELAÇÃO PESQUISA ACADÊMICA/PRÁTICA PROJETUAL: INGLATERRA E BRASIL

Existe atualmente na Europa, e mais particularmente na Inglaterra, um debate em que se discute se a pesquisa acadêmica em áreas de prática projetual seria de alguma maneira distinta da pesquisa acadêmica desenvolvida em outras áreas. Certos critérios claros e universais para grande parte das disciplinas começaram a ser questionados na busca de definições que abrangessem aspectos específicos da prática projetual e criativa como arquitetura, artes plásticas e

cênicas, música, design, etc. Conceitos que obedeciam uma convenção existente dentro da estrutura de pesquisa acadêmica tradicional como ‘conhecimento’, ‘criatividade’, ‘referência’, ‘método’, ‘público’, etc., começaram a ser questionados e explorados. A tentativa era de se estender conceitos próprios do modelo científico para abranger áreas das humanidades. Certas tentativas de sucesso mas que ainda incitam crítica são os termos híbridos: ‘tacit and experiential knowledge’ (Polanyi 1964), ‘reflective practitioner’ (Schön 1991) e ‘grounded theory’ (Strauss & Corbin 1990).

Esta busca da redefinição se deu pontualmente, nas várias universidades, cada qual respondendo às demandas da sua comunidade de pesquisa, do seu público alvo, ou seja, dos seus doutorandos e orientadores (e.g. University of Coventry, U. Dundee, U. West of England, U. of the Arts London). Alguns críticos sugeriram fazer uma separação entre dois tipos de pesquisa de doutorado nas áreas de arte e design, uma sendo denominada de ‘*practice-led*’ e a outra sendo a pesquisa tradicional (Scrivener, 2004). Essa separação corresponde aos diferentes caminhos para pesquisa que são traçados por varias instituições (e.g. Coventry, Dundee, Oxford Brookes, etc.) para atribuírem o mesmo titulo: o PhD em áreas de prática projetual. Outras instituições (como a Kent Institute) modificaram as exigências tradicionais para suas teses, passando a exigir apenas um argumento, ou em favor apenas da documentação do processo projetual. A documentação do processo é largamente preferida nas áreas como a dança, que fica claro no exemplo da iniciativa que propõem a apresentação como pesquisa: PARIP (Practice as Research in Performance). Existe também o contexto não-analítico do trabalho em filosofia pós-modernista (Deleuze & Guattari, 1988) que problematiza a relação da linguagem com o pensamento e com a ação.

Fica claro portanto que um dos resultados desta busca foi o surgimento de diversos conceitos de qualidade e entendimentos dos critérios, antes irreduzíveis, definidores da pesquisa acadêmica como tal. Existe hoje no Reino Unido vários modelos de tese de doutorado, que incluem do tradicional documento encadernado à possibilidade de se entregar apenas uma obra de arte ou montar um exposição acerca da qual se debate pontos teóricos em uma defesa de tese (UKCGE, 2003: §5.3). O problema criado por esta situação é o da inexistência de critérios claros do que é pesquisa acadêmica em áreas de prática projetual, e a questão que pergunta qual seria o papel da prática projetual e criativa na pesquisa acadêmica.

Na estrutura do ensino superior em arquitetura no Brasil existe uma divisão entre disciplinas que lidam com teorias e fundamentos da arquitetura, com aspectos da técnica e tecnológicos e com a prática projetual. É comum que as pesquisas desenvolvidas no departamento de prática projetual usem métodos ou abordem questões típicas dos departamentos teóricos ou técnicos, sendo difícil considerar a questão da prática projetual, questões que são relevantes para esta prática ou o conhecimento não explícito advindo

dessa prática. Torna-se importante considerar se existirá, na pesquisa acadêmica da prática projetual, questões fundamentalmente diferentes daquelas que são hoje consideradas com êxito através do uso de modelos de pesquisa tradicionais como os positivistas ou construtivistas, por exemplo (Guba & Lincoln, 2005). Foi possível visualizar essa questão quando, em 1992 no Reino Unido, as politécnicas passaram a universidades e as grades curriculares foram re-estruturadas. Dentro das novas grades, cada disciplina tinha o seu contraponto de pesquisa acadêmica e foi possível naquele momento identificar uma 'lacuna' na descrição da pesquisa acadêmica que seria desenvolvida nos departamentos que lecionavam a prática projetual.

Mais uma particularidade da situação brasileira da pesquisa acadêmica em áreas de prática projetual é que a atividade acadêmica é comumente conduzida por profissionais praticantes tanto do projeto quanto da pesquisa. Perrone (2001) já explorou a bipolaridade entre a pesquisa e a prática projetual e explicou que o surgimento de expressões como 'projeto-tese' demonstram essa questão no trabalho do arquiteto-pesquisador brasileiro. O arquétipo do arquiteto-pesquisador descreve aquele profissional que, frente à realidade brasileira, projeta, leciona e desenvolve pesquisa acadêmica. Essas atividades são desenvolvidas concomitantemente dentro do conceito do arquiteto-pesquisador. Entretanto, não está claro qual o impacto de uma na outra, se a prática projetual se beneficia da pesquisa acadêmica ou se um praticante contribui de forma única para a pesquisa acadêmica que desenvolve em sua área de conhecimento. O certo é que, dentro do modelo atual que define a produção acadêmica, é feita uma distinção entre o resultado da prática e o da pesquisa.

Dentro da plataforma Lattes, por exemplo, o resultado da prática projetual entra como produção técnica e não acadêmica. Isto cria restrições para o fomento à pesquisa. O profissional que não tiver produção acadêmica suficiente não será financiado por órgãos de fomento à pesquisa e terá portanto que recorrer a outras formas de financiamento. Nesta situação, é provável e comum que o profissional tende a desenvolver pesquisa mais prática e com aplicações comerciais, mas não tenha condições de desenvolver pesquisa teórica e fundamental, modalidade de pesquisa essa que serve para o crescimento da massa crítica acadêmica na área (Friedman, 2004). Portanto, apesar de surgir por razões diferentes, tanto no Reino Unido quanto no Brasil a relação entre a pesquisa acadêmica e a prática profissional surge como problemática.

PROBLEMÁTICA APRESENTADA PELO CONCEITO DE *PRACTICE-BASED RESEARCH*

Essa relação, na Inglaterra suscitou o termo '*Practice-based Research*' (PbR) que por si só provoca uma série de mal-entendidos e desacordos. Não está claro, por exemplo, qual a proporção ou contribuição projetual à pesquisa

acadêmica que caracterizaria tal sub-grupo de pesquisa. Também não é persuasivo o conceito inverso, de que a pesquisa acadêmica não teria um aspecto prático. Mesmo a pesquisa acadêmica desenvolvida dentro das tradicionais disciplinas científicas contem elementos práticos como experimentos, levantamentos de dados e entrevistas, por exemplo. Na Europa o PbR é reconhecido e correntemente discutido, entretanto, apesar de existir, essa modalidade não está claramente demarcada no Brasil.

Na Conferência Latino Americana de Escolas e Faculdades de Arquitetura, Perrone (2001) discutiu a questão da pesquisa na área do projeto de arquitetura. Ele colocou que existe uma preocupação com o entendimento das relações entre pesquisa e projeto e expôs duas opiniões correntes sobre a relação entre pesquisa acadêmica e prática projetual na área da arquitetura. O primeiro ponto de vista está refletido em debates conduzidos nas disciplinas de arquitetura, design e urbanismo onde um grande número de acadêmicos compreendem como trabalhos de pesquisa aqueles que 'possuam um método e/ou um tratamento sistemáticos capazes de estabelecer reflexões ou conclusões acerca de alguns objetos de estudo' (Perrone, 2001: 1). O outro ponto de vista advindo dos praticantes da atividade projetual defende 'as atividades de projeto como atividades de pesquisa' (Perrone, 2001: 1). Perrone concluiu sobre esse debate acerca da relação prática/pesquisa dizendo que reflete as incertezas sobre a produção do conhecimento em instituições de ensino superior de arquitetura.

A contribuição da prática projetual na pesquisa acadêmica pode ser descrita como um espectro composto de dois pólos extremos e da longa e variável gama de possíveis combinações entre os dois: os dois pólos extremos (1) da prática exploratória dentro do modelo de pesquisa acadêmica tradicional e (2) da prática como geradora de questões relevantes a serem exploradas através da estrutura acadêmica do modelo tradicional e (3) a relação problemática que este estudo considera que ocupa a posição central no espectro da relação prática projetual/pesquisa acadêmica que rege que a prática projetual é a pesquisa acadêmica.

A primeira relação entre prática projetual e pesquisa acadêmica existe dentro do modelo tradicional de pesquisa acadêmica, notoriamente o científico, onde o papel da prática é exploratória. Nessa relação cria-se hipóteses e busca-se maneiras de investigar essas possibilidades através de experimentos, modelos, entrevistas, croquis, observações, etc. O outro pólo da relação prática/pesquisa existe dentro da prática projetual onde no processo projetual o praticante cerca-se com o maior número de informações relevantes à resolução do problema projetual na esperança de chegar a um *insight* da solução. Dentro deste modelo, a prática projetual contribui para a pesquisa acadêmica como geradora de questões que são relevantes no contexto da prática que devem então ser investigadas dentro dos moldes dominantes da pesquisa acadêmica.

A relação problemática entre prática projetual e pesquisa acadêmica surge quando o conhecimento original

que resulta da prática projetual *em si* contribui para o avanço daquela comunidade. Descreveu-se acima que a contribuição de conhecimento original a uma comunidade é o critério central e definidor da pesquisa acadêmica. Seria portanto lógico concluir que a prática projetual que contribuisse para a área desta maneira fosse pesquisa acadêmica. Dentro deste modelo de relação entre a prática projetual e a pesquisa acadêmica a primeira é igual à outra e assim sendo, Picasso poderia ter recebido um título de doutor por sua *Demoiselles D'Avignon* (1907).

Podem ser construídos dois argumentos acerca da razão pela posição particular que a prática projetual ocupa na pesquisa acadêmica naquelas áreas. Perrone (2001) já defendeu que o que tornaria esse sub-grupo de pesquisa particular seria a formação 'não conformista' do praticante que o faria resistir à sistematização necessária à pesquisa acadêmica. Este argumento classificaria a área de prática projetual como especial e merecedora de certas concessões. Essa posição sugeriria que pesquisas desenvolvidas nesta área deveriam gozar de privilégios especiais pela área ser, de algum modo, diferenciada. Biggs e Büchler (2008) preferem o argumento que sugere o contrário: que essa sub-área não é diferente das demais áreas onde se conduz pesquisa acadêmica e por essa razão, se os praticantes desejam critérios diferentes (como o projeto como tese) devem apresentar argumento que defenda o uso de conceituações alternativas e não a suspensão dos critérios estabelecidos. Essa posição sugere que as áreas de prática projetual seriam, dentro da pesquisa acadêmica, diferentes porém iguais.

O aceite da prática como pesquisa cria problemas objetivos. O que torna este tipo de pesquisa potencialmente problemática para o seu reconhecimento como uma produção acadêmica é o não-tradicional de seus resultados. Outro problema é a especificidade de vários dos conceitos usados nas áreas de prática projetual.

Conceitos exclusivos estão nos entendimentos que se tem nas áreas projetuais de 'conhecimento', 'disseminação', 'comunicação', 'rigor' e 'artefato' para dar apenas alguns exemplos. Noções de 'conhecimento' em suas várias formas e manifestações já foram discutidas por (Newbury, 1996). A questão do conhecimento, da disseminação e da comunicação por meios não-tradicionais foi discutida na segunda conferência internacional sobre practice-based research – Research into Practice conference – em 2002. Os artigos foram disseminados na revista indexada *Working Papers on Art and Design* (2002) e o tema vem sendo investigado no projeto Non-traditional Knowledge and Communication na University of Hertfordshire. A questão do 'rigor' acadêmico em pesquisas em áreas de prática projetual já foi discutido por Wood (2000) e Biggs e Büchler (2007) em dois dos poucos textos que tratam especificamente desta questão nessa área acadêmica. O papel do 'artefato' na pesquisa acadêmica foi o tema da terceira Research into Practice conference em 2004 e artigos seletos foram publicados on-line na revista indexada *Working Papers on Art and Design* (2004).

Os critérios desenvolvidos para atender a este sub-grupo, compreendido como o das áreas de prática projetual, teriam que ser diferentes dos critérios que são normalmente aplicados ao modelo científico de pesquisa acadêmica para dar conta de noções particulares e específicas à prática projetual.

ACADEMIA E PRÁTICA: UMA SOLUÇÃO

As exigências da academia podem ser descritas através de quatro critérios interligados que identificam e condicionam a pesquisa acadêmica como tal (Biggs & Büchler 2008). Identificamos também quatro questões que surgem como problemáticas no desenvolvimento dessa pesquisa acadêmica em áreas de prática projetual. Os quatro critérios formam o miolo do modelo que também caracteriza os modelos tradicionais e dominantes de pesquisa acadêmica, e com tal, são comparáveis à pesquisa em outras áreas. É inevitável que uma pesquisa tenha perguntas e resulte em respostas. O meio através do qual passa-se da pergunta para uma resposta aceitável e relevante dita o método. Aquilo que é visto como uma pergunta relevante, uma resposta aceitável e um método válido está condicionado ao conceito de conhecimento que uma comunidade adota. Portanto, 'pergunta', 'resposta', 'método' e 'conhecimento' são elementos que se relacionam dentro de modelos de pesquisa e que servem para identificar a pesquisa acadêmica como tal.

O que nos interessa ao considerarmos o papel da prática projetual são as questões que surgem quando tenta-se desenvolver pesquisa acadêmica nessas áreas. A maioria das comunidades de pesquisa aceitariam o grupo de quatro critérios apresentado acima, mas as quatro questões a seguir são de particular interesse dos praticantes. Uma primeira questão diz respeito ao papel do texto e da imagem, ou do elemento não-textual que resulta da atividade projetual. Essa questão do texto e do não-texto leva a um questionamento da relação entre forma e conteúdo da pesquisa. A questão da retórica e do repertório conceitual de cada comunidade assim como a questão da manifestação e relevância da experiência pessoal, seja do praticante ou do público que experiência a obra, tem uma posição particular na prática projetual que não é refletida em modelos tradicionais de pesquisa acadêmica.

Para que seja possível justificar o uso do elemento não-textual ou não-lingüístico de sua prática na pesquisa acadêmica, os praticantes devem encontrar um papel necessário e suficiente para esse elemento. Imagens não são sempre necessárias para defender uma tese, e podem ser de diferentes tipos: ilustrativas, demonstrativas, explicativas. Esses papéis diferentes para a imagem reforça uma diferença entre a prática projetual e a pesquisa acadêmica, onde a segunda busca fazer colocações explícitas, o que, dentro do modelo de pesquisa tradicional, é feito com maior eficácia através do texto.

O relacionamento entre o textual e o não-textual pode ser visto como um relacionamento entre forma e conteúdo. Apesar de ser provável que palavras sejam necessárias para a eficaz defesa de um argumento acadêmico, poderíamos perguntar: porque existe um número determinado de palavras para uma tese de doutorado, porque esse número e porque achamos que as palavras são necessárias? Para responder a questões como essas, é preciso considerar o modelo de conhecimento que aquela comunidade adota, e portanto que meio seria necessário para comunicá-lo. Para isso é preciso considerar o que a tese de doutorado está tentando fazer. É preciso distanciar-se da forma prescrita da tese e considerar o que o conteúdo tenta fazer através do processo de pesquisa antes de poder afirmar que ‘esse’ formato é melhor que ‘aquele’.

A terceira questão de relevância para os praticantes diz respeito à função da retórica, pela qual queremos dizer o ato de ‘constituir coisas através da linguagem’ e não de ‘ser persuasivo’. Como tal, a retórica refere-se ao impacto que a linguagem exerce sobre o que podemos ou não pensar (Wittgenstein 1971, §5.6). Isso significa que como algo é dito ou até o fato de falar já começa a direcionar nosso pensamentos de uma maneira específica. Essa parece ser uma preocupação de muitos praticantes que alegam que o potencial descritivo, argumentativo e do resultado nas áreas visuais pode ser comprometer ao falar-se a seu respeito, pois esses aspectos da criação não compartilham necessariamente da estrutura linear da linguagem.

Finalmente, a função da experiência é frequentemente considerada a mais importante contribuição da prática projetual ou dos resultados dessa prática, e por isso seria o componente essencial da pesquisa. Entretanto, a experiência apresenta um componente problemático para a pesquisa acadêmica por causa de sua subjetividade filosófica, ou seja, pelo fato dela dizer respeito à experiência pessoal do indivíduo. O que é experiencial está na primeira pessoa e conseqüentemente não é transferível e portanto apresenta um problema para a disseminação do conhecimento proveniente dessa experiência. A pesquisa acadêmica exige que as contribuições que são feitas sejam não-ambíguas, portanto a falta de transparência e clareza da comunicação do componente experiencial apresenta dificuldades para a inclusão da experiência na pesquisa.

Frente a esses problemas e às incertezas quanto ao papel da prática e dos resultados e processos não tradicionais na pesquisa acadêmica, propomos que seja conduzida uma exploração sistemática de maneira a desmembrar o conceito tradicional de pesquisa acadêmica para remontar um modelo de pesquisa mais condizente com as necessidades das áreas de prática projetual.

BIBLIOGRAFIA

- [1] AHRC, *Research Funding Guide 2006/7*. Bristol: AHRC.
 [2] Biggs, M.A.R. & D.M. Büchler, “Rigour and Practice-based Research”, *Design Issues*, 23, No.3, 2007, 62-69.

- [3] Biggs, M.A.R. & D.M. Büchler, "Eight Criteria for Practice-based Research in the Creative and Cultural Industries", *Art, Design and Communication in Higher Education*, 7, No.1, 2008, pp.5-18.
 [4] Deleuze, G., & F. Guattari, *A thousand plateaus: capitalism and schizophrenia*. Translated by B. Massumi. London: Athlone Press, 1988.
 [5] Friedman, K., “Art, Design and Research: the new challenges of the making disciplines”, In: *Kunsthøgskolen I Oslo Årsbok 2004*. Refsum, G. and P. Butenschön (eds.), Oslo: National College of the Arts, 2004, pp.199-214.
 [6] Gibbons, M., et al. *The New Production of Knowledge: The Dynamics of Science and Research in Contemporary Societies*. London: Sage Publications, 1994.
 [7] Guba, E. and Y. Lincoln, “Paradigmatic Controversies, Contradictions and Emerging Confluences”, In: *Sage Handbook of Qualitative Research*. N. Denzin and Y. Lincoln. London, Sage, 2005, pp.191-215.
 [8] Newbury, D., “Knowledge and Research in Art and Design”, *Design Studies*, 17, No.2, 1996, pp-215-219.
 [9] Perrone, R.A.C., “A pesquisa em projeto e o projeto como pesquisa”, *Apresentações/Ponências do XIX CLEFA*, São Paulo: UPM/ UDEFAL/ UDUAL, 2001, pp.255-257.
 [10] Polanyi, M., *Personal Knowledge: towards a post-critical philosophy*. Chicago, University of Chicago Press, 1974.
 [11] Schön, D. A., *The Reflective Practitioner: how professionals think in action*. London: Arena, 1991.
 [12] Scrivener, S., “The practical implications of applying a theory of practice based research: a case study”, *Working Papers in Art and Design*, 3, 2004.
http://sitem.herts.ac.uk/artdes_research/papers/wpades/index.html
 [13] Strauss, A., & J. Corbin, *Basics of Qualitative Research: grounded theory procedures and techniques*. London: Sage Publications, 1990.
 [14] UKCGE, *Practice-Based Doctorates in the Creative and Performing Arts and Design*. London: UKCGE, 2003.
 [15] Wittgenstein, L. *Tractatus Logico-Philosophicus*. Translated by D. Pears. London: Routledge, 1971.
 [16] Wood, J., “The culture of academic rigour: does design research really need it?”, *The Design Journal*, 3, No.1, 2000, pp.44-57.